REVISTA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

SITIENTIBUS

ESTUDOS LINGUÍSTICOS E FILOLÓGICOS

ARTIGO

AS CORRESPONDÊNCIAS JESUÍTICAS DE AFRÂNIO PEIXOTO: EDIÇÃO DE UMA CARTA DE SERAFIM LEITE*THE JESUIT CORRESPONDENCE OF AFRÂNIO PEIXOTO: EDITION OF A LETTER FROM SERAFIM LEITE*

JEAN MÁRCIO DE OLIVEIRA

Doutorando em Estudos Linguísticos (PPGEL/UEFS). Pesquisador da Equipe do Acervo Afrânio Peixoto e bolsista da CAPES

PATRÍCIO NUNES BARREIROS

Doutor em Letras e Linguística. Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana (DLA/UEFS). Bolsista de produtividade do CNPq

E-mail: patricio@uefs.br

RESUMO

O artigo tem como objeto de estudo o acervo epistolar de Afrânio Peixoto, com enfoque na análise de uma carta passiva enviada por Serafim Leite. A pesquisa adotou uma abordagem interdisciplinar, combinando métodos da Crítica Textual e da Epistolografia, além de um suporte teórico fundamentado na Sociologia dos Textos (McKenzie, 2005) e nos estudos sobre a Companhia de Jesus. Essa metodologia permitiu investigar tanto os aspectos materiais da correspondência quanto seu conteúdo histórico e cultural. Os resultados evidenciaram a relevância das cartas jesuíticas para os estudos sobre a história cultural do Brasil, com destaque para o diálogo entre Afrânio Peixoto e Serafim Leite. A carta analisada refuta a autenticidade de um documento atribuído a José de Anchieta, ao mesmo tempo que contextualiza as comemorações do IV Centenário de Anchieta, realizadas em 1934. Além disso, o estudo destacou o papel de Afrânio Peixoto como jesuitólogo, sublinhando sua contribuição para os estudos sobre a Companhia de Jesus e sua importância como intelectual multifacetado. A pesquisa reforça a potencialidade dos acervos epistolares para análises interdisciplinares e propõe sua utilização em atividades pedagógicas na Educação Básica, especialmente nas áreas de linguagens e ciências humanas. Dessa forma, o trabalho contribui para a valorização das cartas históricas como fontes de pesquisa e ferramentas educacionais, além de ampliar a compreensão da memória cultural brasileira.

Palavras-chave: Afrânio Peixoto, jesuítas, cartas, crítica textual.**ABSTRACT**

This article focuses on the epistolary collection of Afrânio Peixoto, with an emphasis on the analysis of a passive letter sent by Serafim Leite. The research adopted an interdisciplinary approach, combining methods from Textual Criticism and Epistolography, along with a theoretical framework based on the Sociology of Texts (McKenzie, 2005) and studies on the Society of Jesus. This methodology allowed for the investigation of both the material aspects of the correspondence and its historical and cultural content. The results highlighted the relevance of Jesuit letters to studies on Brazil's cultural history, emphasizing the dialogue between Afrânio Peixoto and Serafim Leite. The analyzed letter refutes the authenticity of a document attributed to José de Anchieta while contextualizing the celebrations of the IV Centenary of Anchieta, held in 1934. Furthermore, the study underscored Afrânio Peixoto's role as a Jesuitologist, highlighting his contribution to research on the Society of Jesus and his significance as a multifaceted intellectual. The research reinforces the potential of epistolary collections for interdisciplinary analyses and proposes their use in pedagogical activities in Basic Education, particularly in the fields of language and human sciences. In this way, the study contributes to the appreciation of historical letters as research sources and educational tools while broadening the understanding of Brazilian cultural memory.

Keywords: Afrânio Peixoto, Jesuits, letters, textual criticism.

INTRODUÇÃO

Em 2022, por meio de um convênio de cooperação técnica estabelecido entre a Fundação Pedro Calmon, a Casa e Memorial Afrânio Peixoto e a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), teve início um projeto de pesquisa voltado para o estudo do acervo pessoal do escritor baiano Afrânio Peixoto. Esse acervo, composto por documentos, correspondências, manuscritos, anotações e outros materiais de relevância histórica e cultural, foi transferido para a UEFS, com o objetivo de garantir melhores condições para sua preservação, organização e estudos.

Para viabilizar esse trabalho, foi formada uma equipe multidisciplinar, composta por arquivistas, filólogos, linguistas, estudiosos da literatura, historiadores e estudantes de diferentes áreas. Essa diversidade de especialistas é essencial para abordar o acervo em sua complexidade, permitindo explorar as contribuições literárias de Afrânio Peixoto, mas também sua atuação em áreas como a medicina, a filologia, a lexicografia e a política, que marcaram sua trajetória como intelectual de destaque no Brasil.

O projeto também tem um caráter estratégico no que diz respeito à democratização do conhecimento. Ao organizar e estudar o acervo, busca-se não apenas aprofundar a compreensão da obra e da vida de Afrânio Peixoto, mas também promover a difusão de informações sobre ele e seu contexto histórico por meio de publicações acadêmicas, eventos científicos e ações educativas. Além disso, o projeto pretende disponibilizar digitalmente parte dos materiais, ampliando o acesso para pesquisadores e interessados de diferentes regiões e países.

A transferência do acervo para a UEFS consolida essa universidade como um polo de referência para os estudos sobre Afrânio Peixoto e para o desenvolvimento de metodologias de preservação e estudos de arquivos literários e pessoais. Esse esforço contribui para a valorização de autores baianos e para o fortalecimento de iniciativas que dialogam com a memória cultural brasileira em uma perspectiva crítica e interdisciplinar.

A iniciativa dessa pesquisa começa com o diálogo mantido com a diretora Casa e Memorial Afrânio Peixoto, onde estava o acervo pessoal do escritor. A casa foi fundada em 1970 e mantida pela Secretaria da Cultura do Estado da Bahia, está situada na praça que leva o nome de Afrânio Peixoto, instalada na mesma casa que serviu de sua residência, nos primeiros anos de vida, em Lençóis. Nela, encontra-se “um rico acervo bibliográfico, documental e museológico do próprio polígrafo baiano, doado por sua viúva, além de um vasto acervo sobre ciências sociais e história” (Bahia, 2024). Dentre essa documentação, há correspondências recebidas por Afrânio durante toda a sua vida, bem como outras (em número menor) escritas pelo próprio autor, o que se configura em um vasto material para estudos epistolográficos.

Com objetivo de iniciar um estudo das correspondências, em um primeiro momento foram digitalizadas as cartas

passivas enviadas a Afrânio Peixoto. Em seguida, iniciou-se o processo de leitura e análise dessas missivas, com o levantamento inicial de dados como o número total de correspondências, principais remetentes, locais de origem e temáticas predominantes. Os resultados preliminares desse trabalho foram apresentados no artigo intitulado “*Primeiras incursões no dossiê da correspondência passiva de Júlio Afrânio Peixoto: edição de uma carta enviada por Rodolfo Garcia*”, publicado no livro *Arquivos em Perspectiva* (Oliveira e Barreiros, 2023).

O estudo das correspondências de Afrânio Peixoto está em andamento e certamente demandará um bom tempo para que todo o material seja devidamente analisado, dado seu volume e complexidade. No presente trabalho, apresentamos mais uma etapa da edição e análise das cartas jesuíticas, tendo em vista que já conseguimos localizar e estudar um número maior de documentos. Atualizamos os dados coletados até o momento e ampliamos a análise sobre a contribuição de Afrânio Peixoto aos estudos relacionados aos jesuítas no Brasil. Sua abordagem sobre o tema revela um profundo interesse pelas questões históricas, culturais e religiosas que influenciaram a formação do país, evidenciando sua capacidade de integrar diferentes perspectivas historiográficas, literárias e filológicas.

Embora as análises realizadas tenham avançado consideravelmente, ainda há um número expressivo de cartas por serem lidas e examinadas, evidenciando a extensão e a complexidade do acervo. A investigação contínua proporciona novas descobertas, não apenas sobre a rede de interlocutores de Afrânio Peixoto, mas também sobre os temas que marcaram suas correspondências, os debates intelectuais de sua época e as conexões culturais que influenciaram sua trajetória.

A pesquisa em andamento reforça o valor do acervo como uma fonte indispensável para a compreensão da multifacetada atuação de Afrânio Peixoto, seja como literato, historiador ou intelectual. Além disso, contribui para expandir o campo dos estudos sobre os jesuítas no Brasil, inserindo-o em um contexto interdisciplinar mais amplo. Esse esforço, ao iluminar aspectos pouco explorados da correspondência de Peixoto, destaca seu papel na construção e circulação do pensamento crítico em diversas áreas do saber.

Entre os temas abordados nas cartas enviadas a Afrânio Peixoto, como literatura, educação, história, saúde e questões acadêmicas, destaca-se um conjunto significativo de correspondências relacionadas aos jesuítas no Brasil. Essas cartas foram enviadas por estudiosos da Companhia de Jesus, que dialogaram com Peixoto sobre o período em que essa instituição exerceu influência na formação da sociedade brasileira e no desenvolvimento cultural do país. Entre esses correspondentes, destaca-se o padre jesuíta Serafim Leite, que manteve correspondência com Afrânio Peixoto por cerca de quatro décadas. Nas cartas, Leite aborda temas como a *História da Companhia de Jesus no Brasil* (1940), escrita por ele, além de discutir figuras como José de Anchieta, Manoel da Nóbrega e Antônio Vieira. Também há trocas sobre as cartas

jesuíticas, publicações acadêmicas sobre o tema e autores que se dedicaram ao estudo da Companhia.

Essas correspondências revelam um aspecto menos conhecido da trajetória intelectual de Afrânio Peixoto. Além dos múltiplos títulos atribuídos a ele, como médico legista, político, professor, crítico, ensaísta, romancista e historiador (Bahia, 2024), Afrânio também é reconhecido como um jesuitólogo. Segundo Lívia Pedro (2008), ele foi “o maior promotor dos estudos históricos sobre a Companhia de Jesus em sua época” (Pedro, 2008, p. 91). Em 1930, Peixoto reeditou os três volumes das *Cartas Jesuíticas*, consolidando sua contribuição ao campo. Essa relevância é corroborada em uma carta de Serafim Leite, na qual o padre menciona que fará uma dedicatória em seu livro aos jesuitólogos “Afrânio Peixoto, Rodolfo Garcia e Alcântara Machado” (Leite, 1934).

No presente estudo, sintetizamos alguns dos tópicos abordados por Serafim Leite em suas cartas a Peixoto e apresentamos a edição e análise de uma dessas correspondências, com base nos pressupostos teóricos da Crítica Textual (Barreiros, 2017) e da Sociologia dos Textos (McKenzie, 2005). Essa abordagem evidencia a riqueza do diálogo intelectual mantido entre Peixoto e seus correspondentes, contribuindo para um entendimento mais amplo de sua atuação como pesquisador e promotor dos estudos sobre os jesuítas no Brasil.

AS CARTAS ENVIADAS PARA AFRÂNIO PEIXOTO

Até o momento, foram digitalizadas um total de quase um mil e quinhentas correspondências (1.459 cartas), do período de 1902 a 1947, correspondente ao início da carreira profissional de Afrânio Peixoto até o ano de seu falecimento. São mais de dois mil fólios digitalizados (2.350 folhas), que foram arquivados em pastas digitais, por período cronológico, disponibilizados aos pesquisadores para o início dos estudos, sob a coordenação do professor Patrício Barreiros. As atividades iniciais de limpeza e transcrição das cartas integraram as práticas da disciplina Edição Crítica de Textos, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, e da disciplina Crítica Textual, do curso de graduação em Letras da UEFS.

As cartas passivas, recebidas ao longo de quase meio século de intensa atividade, abrangem diversas áreas da atuação de Afrânio Peixoto. São correspondências provenientes de remetentes de várias partes do Brasil e do mundo, incluindo autoridades acadêmicas, literárias, civis, políticas, religiosas, além de admiradores, leitores, amigos e simpaticizantes. Entre as cartas analisadas, 45% são oriundas de localidades brasileiras, 33% do exterior, 14% não possuem indicação de origem e 8% são consideradas ilegíveis devido a deformações ou dificuldades de leitura da grafia.

Do Brasil, são inúmeras as localidades de onde as correspondências partiram, sendo enviadas de alguns Estados da Federação e de diversas cidades do país, porém, as maiores quantidades de cartas se concentram em um grupo de, aproximadamente, uma dúzia de cidades, que são: Rio de Janeiro (282); São Paulo (243); Salvador (42); Lençóis-BA

(11) e Petrópolis-RJ (10). Em número menor, no entanto, há uma imensa lista de cidades de onde partiram as demais correspondências, de vários Estados brasileiros. No entanto, a maioria das cartas saiu do eixo Rio-São Paulo, pelo fato de serem lugares onde Afrânio Peixoto passou a maior parte de sua vida. No Rio de Janeiro, onde viveu e trabalhou, dos vinte e um anos, quando chegou à capital federal para exercer a medicina, até o seu falecimento, com 71 anos de idade. Em São Paulo, embora Afrânio não tenha vivido lá, se configura a segunda maior quantidade de suas correspondências, devido à sua extensa rede de interlocução com o ambiente acadêmico e científico, bem como com as editoras e livrarias, encarregadas da edição, publicação e venda de suas obras.

Quanto às correspondências oriundas do exterior, além de número significativo de cartas, (33%), destaca-se também o quantitativo delas que vieram das terras lusitanas. De um total de 465 missivas que vieram de fora, 366 delas são de Portugal, o que equivale a 78,7% das correspondências. De lá, foram enviadas cartas para Afrânio Peixoto de várias cidades portuguesas, porém, a maioria delas (66%) saiu da capital, Lisboa. Do Porto e de Coimbra partiram 24% das cartas, e o restante de outras cidades menores. Embora em uma porcentagem menor, os pouco mais de 20% das correspondências do exterior vieram de diversos países, das mais variadas partes do mundo, a exemplo da Europa (Itália, França, Alemanha, Suíça, Inglaterra, Espanha); das Américas do Norte (E.U.A, Canadá, México); América do Sul (Uruguai, Argentina, Equador, Paraguai) e mais longínquos, como China, Índia e Grécia.

No que tange aos remetentes das correspondências, torna-se inviável, devido à imensa quantidade de cartas recebidas por Afrânio Peixoto, listar os nomes na íntegra neste trabalho, mas, por ora, apresentamos os nomes dos interlocutores que enviaram o maior número de cartas, bem como aqueles que, de certa forma, possuíam alguma relevância social, no século XX. Assim, no topo da lista apresentam-se as editoras, que juntas representam 2.2% das cartas recebidas por Afrânio. As editoras aparecem como as maiores remetentes pelo fato de ser um conjunto dessas instituições (Companhia Editora Nacional; São Paulo Editora etc.) que, frequentemente, mantinham contato com Afrânio Peixoto, com o objetivo de trocar informações a respeito do processo de edição e publicação das obras do autor.

Em seguida, encontra-se o padre jesuíta Serafim Leite, um estudioso da Companhia de Jesus, que trocou correspondências com Afrânio Peixoto por mais vários anos, tendo enviado mais de sessenta cartas nesse período. Além de Serafim Leite, entre os remetentes com o maior número de cartas enviadas a Afrânio estão mais três estudiosos dos jesuítas, que são: Murilo Moutinho; João Lúcio Azevedo; Afonso Taunay. Completando a relação dos maiores remetentes estão Constâncio Alves; Edgar Falcão; Fidelcino de Figueiredo; João Maria Rodrigues; Manoel dos Santos Pinto e Roberto Simonsen.

Dentre os remetentes, podemos destacar Adelaide de Castro Alves, irmã do poeta Castro Alves. Também escreveu para Afrânio Peixoto algumas autoridades políticas, como prefeitos, governadores, deputados e até o presidente da República, Arthur Bernardes, que governou o Brasil de 1922 a 1926. Na seara política, ainda, temos carta do então governador baiano Octávio Mangabeira e do senador Landulfo Alves, que foi nomeado interventor federal na Bahia, no ano de 1938. Afrânio também recebia correspondências de autoridades religiosas, como o bispo de Caetité e o de Alagoinhas, ambos na Bahia. No campo intelectual, destacam-se nomes como os de Pedro Calmon, Barbosa Lima Sobrinho e Eugênio de Castro.

Pedro Calmon foi escritor, jurista, professor, historiador e político, tendo sido membro e presidente da Academia Brasileira de Letras e outras instituições acadêmicas. Por sua vez, Lima Sobrinho também foi escritor, jornalista e advogado, participado da ABL e foi presidente da Associação Brasileira de Imprensa. Por último, Eugênio de Castro foi um importante poeta português do final do século XIX e início do século XX, sendo um dos principais representantes do Simbolismo português. Dessa forma, esse riquíssimo acervo epistolar permite-nos perceber a dimensão intelectual de Afrânio Peixoto, bem como a sua contribuição para a sociedade brasileira, evidenciada na rede de relações que essas cartas revelam.

No que diz respeito aos assuntos dessas correspondências, os interlocutores de Afrânio Peixoto tratavam sobre os mais variados temas, como: discussões acadêmicas; questões literárias; informações sobre edições e publicações de obras; temáticas educacionais, políticas, filosóficas; fala sobre saúde, história, filosofia etc. Contudo, a análise minuciosa das cartas revelou que a temática mais discutida eram os assuntos acadêmicos (31%), ou seja, discussão acerca de assuntos como a divulgação de livros, revistas e eventos de natureza acadêmica e/ou científica, tanto no Brasil como no exterior, principalmente, em Portugal, onde Afrânio mantinha contato frequente com autores e personalidades dessa área, bem como fazia muitas viagens a esse país.

Além das questões acadêmicas, o segundo assunto mais predominantemente presente nas correspondências eram temáticas relativas à literatura. Nesse aspecto, os correspondentes escreviam para trocar informações a respeito de autores, obras e eventos literários. Além disso, há inúmeras cartas que apresentam comentários dos remetentes a respeito de algumas obras de Afrânio Peixoto, como elogios sobre os romances, apologia a certos personagens, bem como solicitação de alguma explicação de partes de algum enredo. Enfim, é possível encontrar também missivas onde o remetente envia textos literários, seja de outros autores como de própria autoria, a exemplo de poemas, para análise por parte de Afrânio.

Muitos outros temas são identificados na epistolografia peixotiana, a exemplo de assuntos relacionados à história do Brasil e internacional, política, saúde, cultura, filosofia,

religião etc. No entanto, além de tratar de assuntos específicos, há um número expressivo de cartas que tinham como objetivo tecer elogios a Afrânio Peixoto, fazer agradecimentos e, principalmente, convidá-lo para eventos diversos. Há registros de elogios que eram tecidos sobre os discursos de Afrânio, tanto na ABL como em outros eventos no exterior, principalmente, em Portugal, onde ele viajava com muita frequência, a convite de entidades como a Academia Portuguesa de Ciências, a Universidade de Coimbra, Universidade do Porto, dentre outros convites de caráter pessoal, como para passeios e viagens.

Por último, foi encontrado um número expressivo de correspondências enviadas para Afrânio Peixoto que tratavam de questões relacionadas aos jesuítas, no território brasileiro. São cartas escritas tanto por sacerdotes jesuítas, como por estudiosos dessa temática, que trocavam informações de atos, eventos e personagens da Companhia de Jesus, ordem religiosa que se estabeleceu no Brasil no período de 1540 a 1759, quando foram obrigados a deixar o Brasil. No acervo epistolográfico de Afrânio Peixoto, encontram-se cartas de grandes estudiosos dos jesuítas no Brasil, como Rodolfo Garcia, Serafim Leite, Murilo Moutinho, dentre outros, os quais fazem interlocução com ele a respeito dessa temática, no entanto, para esse trabalho, foi considerado apenas o conjunto de cartas escritas por Serafim Leite.

SERAFIM LEITE E AS CARTAS JESUÍTICAS

Serafim Leite (SL) foi um intelectual português nascido em São João da Madeira, em 1890. Em 1906, aos 15 anos, mudou-se para o Brasil, acompanhando um tio para trabalhar no comércio de borracha na Amazônia. Esse período foi crucial para sua formação pessoal e intelectual, pois lhe proporcionou contato direto com comunidades indígenas e a oportunidade de aprender a língua tupi (Pedro, 2008). Tal vivência, conforme destaca Pedro (2008), desempenhou um papel significativo na futura trajetória de SL como escritor e na compreensão do trabalho missionário dos padres jesuítas, que atuaram de forma marcante na região amazônica. Apesar das adversidades da vida nos seringais, Serafim Leite demonstrava uma notável inclinação para os estudos. Mesmo envolvido nas atividades comerciais, utilizava seu tempo livre para se dedicar à leitura, desenvolvendo um gosto apurado pela literatura. Ele lia avidamente tudo o que encontrava, incluindo obras de grandes autores como Olavo Bilac, Luís de Camões, Camilo Castelo Branco, José de Alencar e Alexandre Herculano, entre outros.

A imersão de Serafim Leite no universo da literatura e da cultura brasileira e portuguesa revelou-se essencial para sua formação. Mais tarde, isso se refletiria em sua prolífica produção como escritor e historiador, especialmente no campo dos estudos jesuítas. Sua experiência amazônica também contribuiu para a sensibilidade e o conhecimento necessários ao estudo da história e da atuação missionária

da Companhia de Jesus no Brasil. Tal bagagem cultural e intelectual moldou Leite como uma figura de destaque no panorama historiográfico e religioso do século XX.

Serafim Leite demonstrou, desde jovem, uma forte inclinação para a vida religiosa. Atendendo à sugestão de seu tio, passou um período em um retiro espiritual em uma casa da Companhia de Jesus (CJ), onde praticou os exercícios espirituais, elaborados por Inácio de Loyola, fundador dessa ordem religiosa. Durante sua estadia, aproveitou a oportunidade para aprofundar seus estudos sobre a história e os princípios da Companhia, lendo discretamente tudo o que encontrava na biblioteca sobre a ordem, enquanto os padres jesuítas realizavam suas atividades na comunidade (Pedro, 2008, p. 39).

Esse contato com os jesuítas e as reflexões advindas dos exercícios espirituais foram determinantes para sua trajetória de vida, levando-o a escolher o caminho da vida religiosa. Em 1908, Serafim Leite ingressou como membro da Companhia de Jesus, iniciando sua formação espiritual e acadêmica. Após anos de estudos e dedicação, foi ordenado sacerdote jesuíta em 1926, na Espanha, consolidando sua vocação e marcando o início de uma carreira que o destacaria como um dos principais estudiosos da história jesuítica.

Com formação superior em Letras, Filosofia e Teologia, Serafim Leite produziu uma vasta e diversificada obra, incluindo centenas de textos que abrangem poesias, cartas, biografias, artigos para jornais e revistas, discursos, resenhas e livros. Entre suas publicações, destaca-se sua obra magna, *A História da Companhia de Jesus no Brasil*, escrita entre 1933 e 1950. Dividida em dez volumes, essa monumental pesquisa apresenta uma análise detalhada das realizações da Companhia de Jesus na América, consolidando-se como uma referência nos estudos sobre a ordem religiosa.

O reconhecimento da relevância de sua obra rendeu-lhe importantes prêmios e honrarias, como o Prêmio Alexandre Herculano, em Portugal, e o título de doutor honoris causa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Além disso, em 1939, recebeu a Comenda da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, concedida pelo governo brasileiro, como reconhecimento por suas contribuições à cultura e à história (Pedro, 2008).

A vasta produção intelectual de Serafim Leite, publicada em jornais e revistas científicas da época, além de diversos livros, o conduziram para algumas entidades acadêmicas, como a Academia Portuguesa de História, a Academia Portuguesa de Ciências e a Academia Brasileira de Letras. Além disso, foi correspondente do Instituto Geográfico do Rio de Janeiro e redator da *Revista Brotéria*, um periódico jesuítico português, com publicação mensal sobre a cultura cristã-católica. Dentre o seu vasto e eclético conjunto de escritos, Serafim Leite escreveu obras a respeito dos jesuítas, sendo, inclusive, referência bibliográfica para o entendimento e o estudo da história e da história da educação no período jesuítico, na América portuguesa (Pedro, 2008). As suas principais obras

jesuíticas são: *A Vida de Pe. Anchieta* (1934); *Páginas de História do Brasil* (1937); *História da Companhia de Jesus no Brasil* (1938); *Novas cartas jesuíticas: De Nóbrega a Vieira* (1940); *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil* (1954); *Cartas do Brasil e mais escritos* (1955).

Nas cartas enviadas a Afrânio Peixoto, Serafim Leite faz diversos comentários sobre suas obras, com destaque para *A História da Companhia de Jesus no Brasil*, considerada sua principal realização. Em um gesto de apreço, dedicou o primeiro volume dessa obra a Afrânio Peixoto (Pedro, 2008). A relação entre o acadêmico brasileiro e o intelectual português foi marcada por uma profunda amizade, sustentada por mais de uma década de correspondência. Além disso, os dois trocaram elogios públicos em grandes jornais e artigos publicados na *Brotéria*, uma renomada revista portuguesa mantida pela Companhia de Jesus (Pedro, 2008, p. 91).

Entre as mais de sessenta cartas que Serafim Leite escreveu para Afrânio Peixoto ao longo de sua vida, 38 tratam predominantemente de assuntos relacionados aos jesuítas. Nessas missivas, SL abordava temas como cartas jesuíticas, as primeiras escolas no Brasil, os pioneiros da ordem religiosa, a revista *Brotéria*, os volumes I e III de sua obra, cartas inéditas, os colégios jesuíticos, a história do Brasil, o centenário de José de Anchieta e outros escritos jesuíticos produzidos no Brasil. Muitas dessas cartas também mencionam figuras centrais da história jesuítica, como José de Anchieta, Manoel da Nóbrega e Antonio Vieira, reforçando a importância dessas personalidades na narrativa histórica construída por SL. Dentre suas obras, *A História da Companhia de Jesus no Brasil* é a mais frequentemente citada nas correspondências, evidenciando o impacto e a centralidade dessa produção intelectual no diálogo entre os dois estudiosos.

FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICO PARA A EDIÇÃO DE CARTAS

A edição de cartas segue os pressupostos teórico-metodológicos da Crítica Textual (Barreiros 2017; Telles; Borges, 2012; Cambraia, 2005) e da perspectiva histórico-cultural (Barreiros, 2017) e sociológica (Mackenzie, 2005; Silva, 1994), cujos fundamentos contribuem diretamente para que pesquisas desta natureza sejam desenvolvidas. A edição e estudo das correspondências de intelectuais do século passado, a exemplo de Afrânio Peixoto, é importante para a compreensão de determinados períodos e fatos da história. A utilização de cartas como fonte de pesquisas já uma realidade em diferentes países do mundo, estando em pleno desenvolvimento no Brasil (Bezerra e Silva, 2010).

O crescente interesse de diversos pesquisadores pelas correspondências de figuras públicas, como escritores e intelectuais, bem como de pessoas comuns, como objeto de pesquisa, justifica-se pelo fato de que as cartas “são capazes de anunciar outras versões da história” (Barreiros e Oliveira, 2023, p. 224), além de exercerem certa sedução e despertar

prazeres por intermédio dos arquivos (Marques, 2003). O acesso aos acervos pessoais, no Brasil, nas últimas décadas, tem favorecido as pesquisas nessa área, em diferentes universidades do país, se tornando “um campo fértil para elucidar temas pouco explorados (Azevedo, 2018, p. 08).

Sabe-se que o gênero epistolar, enquanto objeto de estudo, possibilita diferentes abordagens teórico-metodológicas, concebendo a carta enquanto artefato material, o que pode ser conferido em Barreiros e Oliveira (2017), que apresentam as várias possibilidades epistolográficas a partir desse enfoque. Por ora, nos debruçamos nos princípios da Crítica Textual (CT), de modo especial na perspectiva moderna, uma vez que essa vertente da CT “é aplicada às situações em que os textos originais estão disponíveis, tendo em vista a edição destes” (Barreiros e Oliveira, 2023). Enquanto a Crítica Textual Tradicional estuda os textos cujos originais estão ausentes, procurando, portanto, restituir o seu possível texto original (Duarte, 1997), a Crítica Moderna é a mais adequada à edição de cartas, pelo fato de se possuir os textos originais guardados nos acervos pessoais dos destinatários, bem como por não ser comum a um escritor fazer cópia de suas cartas enviadas.

Dessa forma, para a edição das cartas neste trabalho procuramos conciliar a abordagem crítica com a filológica, uma vez que essas concepções “se complementam para abordar o texto/documento em sua complexidade” (Barreiros e Oliveira, 2023, p. 239). A análise de cartas, em certas circunstâncias, requer os serviços específicos da filologia, a exemplo da necessidade de se restaurar ou preservar textos danificados pela ação do tempo (o que é muito comum em um acervo epistolar), bem como na utilização de técnicas para se decifrar vocábulos de difícil identificação e, conseqüentemente, permitir a transmissão desse texto. A filologia, além de ser uma disciplina que abarca todas as áreas do saber que se debruçam sobre o texto escrito, está ligada à crítica textual no que tange à escrita enquanto “meio por excelência para preservar e transmitir conhecimentos” (Telles e Borges, 2012, p. 56).

Segundo Borges (2012), é possível conciliar também a crítica textual com a crítica sociológica, tendo em vista considerar o texto em sua complexidade. Trata-se de “abordagens conciliatórias que terminam por delinear o que aqui estamos chamando de crítica filológica” (Borges, 2012, p. 519). Nessa concepção, portanto, aprecia-se o texto em seus aspectos linguístico, social, cultural, histórico e político. De acordo com Barreiros (2017, p.391), o texto aqui é encarado enquanto “testemunho da experiência humana”, ou seja, é produto do cotidiano de quem o escreve, refletindo, conseqüentemente, as práticas sociais desse sujeito-escrevente, sua história e suas relações. Para Barreiros (2017, p. 391), a linguagem de um determinado texto “reflete a sociedade onde ela nasce e, por sua vez, também representa os sujeitos, suas identidades, sua cultura, ou seja, reflete a imagem do homem e da sociedade”.

De acordo com Barreiros e Oliveira (2023, p. 240), qualquer abordagem que procure compreender os significados de um texto deve se atentar para suas “condições históricas, social e material”. Assim, um estudo nessa perspectiva implica, portanto, um envolvimento interdisciplinar, uma vez que a análise dos aspectos culturais e sociais de um texto exige uma dialogicidade com outras áreas do conhecimento. Nesse sentido, entra em cena a Sociologia dos Textos (ST), perspectiva que concebe a Sociologia “enquanto disciplina que procura analisar as relações sociais e os processos históricos que influenciam a produção e recepção dos textos” (Barreiros e Oliveira, 2023, p. 241).

Segundo Mackenzie (2005), a Sociologia dos Textos considera os aspectos sociais, culturais e históricos de forma contextualizada, no processo de compreensão das diversas dimensões de um texto. Isso significa que as atenções da ST voltam-se para as realidades sociais, ponderando “los motivos e interacciones humanas que los textos conducen a cada una de las etapas de su producción, transmisión y consumo” (McKenzie, 2005, p. 31). Essa abordagem, portanto, procura dar conta, conforme afirma Landi (2021, p. 47), das “complexidades da interpretação linguística e da explicação histórica”.

Logo, considerando-se a edição de cartas, a vertente sociológica pode contribuir de forma contundente, uma vez que ela é capaz de observar elementos importantes de uma missiva, como “quem foram seus destinatários, se eram apenas amigos, familiares ou personalidades importantes para determinada época” (Silva, 2020, p. 24). O acesso a esses dados permite compreender, por exemplo, “como era a relação entre os interlocutores, seus grupos sociais, dentre outras informações” (Barreiros e Oliveira, 2023, p. 244). É o que salienta Barreiros (2012, p. 86), ao afirmar que “os documentos que um escritor reúne em torno de si revelam os seus contatos com o mundo intelectual, político, social e literário”.

A CARTA JESUÍTICA DE SERAFIM LEITE PARA AFRÂNIO PEIXOTO

Apresentamos neste trabalho uma das cartas jesuíticas de Serafim Leite que foi enviada para Afrânio Peixoto. Trata-se de uma correspondência que foi escrita no dia 30 de maio de 1934, datiloscrita em duas folhas de papel para carta, em tinta preta, em papel ofício pardo, pautado, medindo, 220mm x 300mm. Na margem superior esquerda consta timbre do “Colégio São Luiz” e uma anotação à lápis “458/76/369”, conforme pode ser conferido na reprodução fac-similar.

A edição

Seguindo os princípios editoriais estabelecidos pela Equipe Afrânio Peixoto para edição das cartas do escritor, apresentamos três modalidades de edição: fac-similar, transcrição genética linearizada e edição interpretativa.

A edição fac-similar oferece a reprodução fotográfica do documento original, permitindo ao leitor observar detalhes

materiais, como a tinta, os tipos da máquina de escrever e as características do papel, proporcionando uma experiência visual rica e fiel à materialidade do texto. Já a transcrição genética organiza o texto de maneira linear, sem reproduzir a disposição espacial do datiloscrito, mas registrando as dinâmicas do processo de escrita, como rasuras, acréscimos e outras intervenções. Esse formato permite acompanhar as etapas de construção do texto. As edições fac-similar e transcrição genética são apresentadas em formato justalinear, combinando, à esquerda, a reprodução fac-similar do documento, e, à direita, a transcrição genética linearizada. Essa organização facilita a leitura comparativa e atende tanto a especialistas quanto a leitores que desejam explorar o manuscrito de forma mais acessível.

Além disso, incluímos uma edição interpretativa com atualização ortográfica e desdobramento das abreviaturas, e o texto é apresentado de forma contínua, sem interrupção das linhas. Essa edição tem o objetivo de facilitar a compreensão do conteúdo, sendo acompanhada de notas explicativas que contextualizam aspectos históricos, filológicos, linguísticos, literários e culturais relevantes.

A transcrição seguiu os seguintes critérios:

(i) as linhas serão numeradas de 5 em 5;

(ii) Os textos são transcritos em fonte Times New Roman padrão Word; justificados à margem esquerda;

(iii) indicaremos a numeração da folha antes de iniciar a transcrição;

(iv) manteremos a ortografia e a pontuação conforme o original;

(v) As abreviaturas serão desenvolvidas e sinalizadas em itálico.

A seguir, apresentamos o fac-símile e a transcrição genética em formato justalinear e a edição interpretativa.

f.1

São Paulo, 30 de maio de 1934

01 *Excelentíssimo Senhor Doutor Afrânio Peixoto, meu ilustre amigo*

Envio muito saudar. Peço-lhe que suprima a publicação do meu artigo sobre a Obra de José de Anchieta. Quero ampliá-lo e dar-lhe outro título, que será Cartas Jesuíticas e englobar na minha apreciação os 3 volumes, vincando mais o serviço que a Academia prestou na sua publicação. Porque agora, depois do que já vi e soube, acho-o na realidade inestimável, nem era fácil conseguir melhor.

05 A separata de As primeiras escolas do Brasil desejaria que levasse, numa página de honra, esta dedicatória:

Aos eminentes jesuitólogos brasileiros, anotadores das Cartas Jesuíticas

Afrânio Peixoto

15 Rodolfo Garcia

Antônio de Alcântara Machado

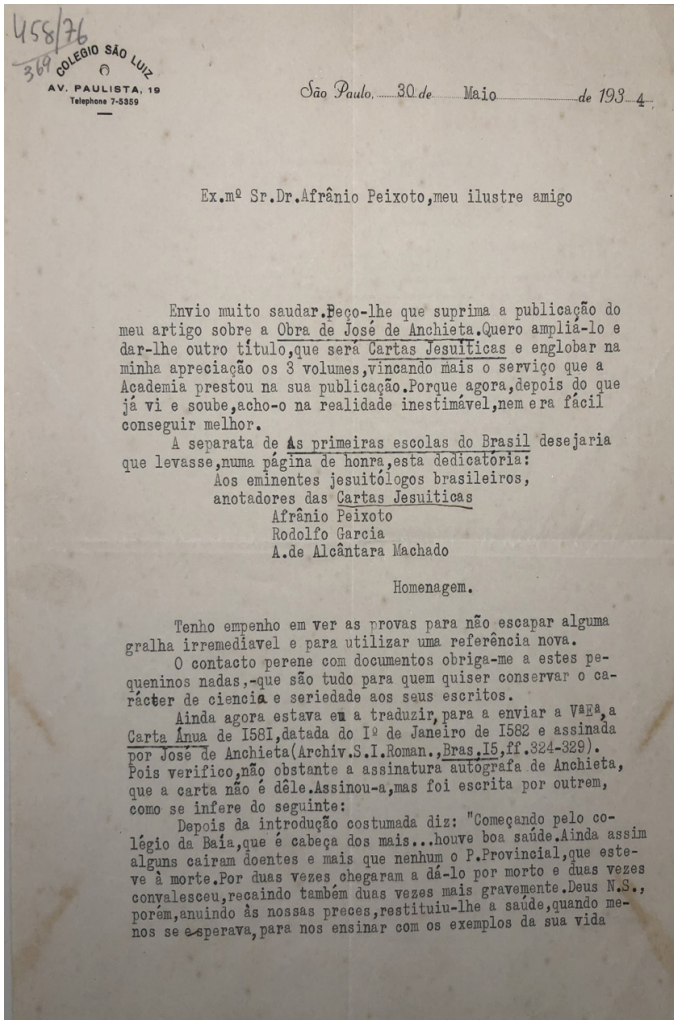
Homenagem.

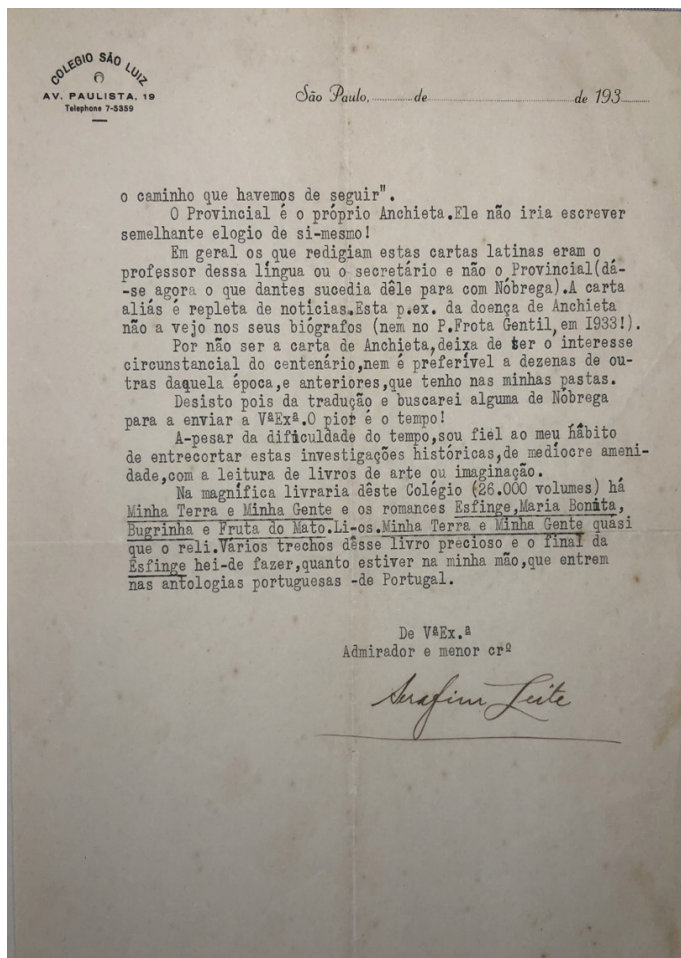
Tenho empenho em ver as provas para não escapar alguma gralha irremediável e para utilizar uma referência nova.

20 O contacto perene com documentos obriga-me a estes pequeninos nada, – que são tudo para quem quiser conservar o carácter de ciência e seriedade aos seus escritos.

Ainda agora estava eu a traduzir, para enviar a *Vossa Excelência*, a Carta Ánua de 1581, datada de 1º de Janeiro de 1582 e assinada por José de Anchieta (Archiv. S.I.Roman., Bras, 15, ff.324-329). Pois verifico, não obstante a assinatura autógrafa de Anchieta, que a carta não é dele. Assinou-a, mas foi escrita por outrem, como se infere do seguinte:

30 Depois da introdução costumada diz: "Começando pelo colégio da Baía, que é cabeça dos mais... houve boa saúde. Ainda assim alguns caíram doentes e mais que nenhum o P. Provincial, que esteve à morte. Por duas vezes chegaram a dá-lo por morto e duas vezes convalesceu, recaindo também duas vezes mais gravemente. Deus N.S., porém, anuindo às nossas preces, restituiu-lhe a saúde, quando me-
35 nos se esperava, para nos ensinar com os exemplos da sua vida





o caminho que havemos de seguir".

O Provincial é o próprio Anchieta. Ele não iria escrever semelhante elogio de si-mesmo!

Em geral os que redigem estas cartas latinas eram o professor dessa língua ou o secretário e não o Provincial (dá-se agora o que dantes sucedia dele para com Nóbrega). A carta aliás é repleta de notícias. Esta *por exemplo* da doença de Anchieta não a vejo nos seus biógrafos (nem no *Padre Frota Gentil*, em 1933!)

Por não ser a carta de Anchieta, deixa de ser o interesse circunstancial do centenário, nem é preferível a dezenas de outras daquela época, e anteriores, que tenho nas minhas pastas.

Desisto pois da tradução e buscarei alguma de Nóbrega para a enviar a *Vossa Excelência*. O pior é o tempo!

A-pesar da dificuldade do tempo, sou fiel ao meu hábito de entrecortar estas investigações históricas, de medíocre amenidade, com a leitura de livros de arte ou imaginação.

Na magnífica livreria deste Colégio (26.000 volumes) há Minha Terra e Minha Gente e os romances Esfinge, Maria Bonita, Bugrinha e Fruta do Mato. Li-os. Minha Terra e Minha Gente quasi que o reli. Vários trechos desse livro precioso e o final da Esfinge hei-de fazer, quando estiver na minha mão, que entrem nas antologias portuguesas – de Portugal.

De *Vossa Excelência*
Admirador e menor *criado*

25

[Serafim Leite]

São Paulo, 30 de maio de 1934

Excelentíssimo Senhor Doutor Afrânio Peixoto, meu ilustre amigo.

Envio muito saudar. Peço-lhe que suprima a publicação do meu artigo sobre a Obra de José de Anchieta. Quero ampliá-lo e dar-lhe outro título, que será Cartas Jesuíticas e englobar na minha apreciação os 3 volumes, vincando mais o serviço que a Academia prestou na sua publicação. Porque agora, depois do que já vi e soube, acho-o na realidade inestimável, nem era fácil conseguir melhor.

A separata de As primeiras escolas do Brasil desejaria que levasse, numa página de honra, esta dedicatória:

Aos eminentes jesuitólogos brasileiros,
anotadores das Cartas Jesuíticas
Afrânio Peixoto
Rodolfo Garcia
Antônio de Alcântara Machado
Homenagem.

Tenho empenho em ver as provas para não escapar alguma gralha irremediável e para utilizar uma referência nova.

O contacto perene com documentos obriga-me a estes pequeninos nadas, – que são tudo para quem quiser conservar o caráter de ciência e seriedade aos seus escritos.

Ainda agora estava eu a traduzir, para enviar a *Vossa Excelência*, a Carta Anua de 1581, datada de 1º de Janeiro de 1582 e assinada por José de Anchieta (Archiv. S. I. Roman., Bras, 15, ff.324-329). Pois verifico, não obstante a assinatura autografa de Anchieta, que a carta não é dele. Assinou-a, mas foi escrita por outrem, como se infere do seguinte:

Depois da introdução costumada diz: “Começando pelo colégio da Baía, que é cabeça dos mais... houve boa saúde. Ainda assim alguns caíram doentes e mais que nenhum o P. Provincial, que esteve à morte. Por duas vezes chegaram a dá-lo por morto e duas vezes convalesceu, recaindo também duas vezes mais gravemente. Deus N.S., porém, anuindo às nossas preces, restitui-lhe a saúde, quando menos se esperava, para nos ensinar com os exemplos da sua vida o caminho que devemos de seguir”.

O Provincial é o próprio Anchieta. Ele não iria escrever semelhante elogio de si mesmo!

Em geral os que redigem estas cartas latinas eram o professor dessa língua ou o secretário e não o Provincial (dá-se agora o que dantes sucedia dele para com Nóbrega). A carta aliás é repleta de notícias. Esta por exemplo da doença de Anchieta não a vejo nos seus biógrafos (nem no Padre Frota Gentil, em 1933!)

Por não ser a carta de Anchieta, deixa de ser o interesse circunstancial do centenário, nem é preferível a dezenas de outras daquela época, e anteriores, que tenho nas minhas pastas.

Desisto pois da tradução e buscarei alguma de Nóbrega para a enviar a Vossa Excelência. O pior é o tempo!

Apesar da dificuldade do tempo, sou fiel ao meu hábito de entrecortar estas investigações históricas, de medíocre amenidade, com a leitura de livros de arte ou imaginação.

Na magnífica livraria deste Colégio (26.000 volumes) há Minha Terra e Minha Gente e os romances Esfinge, Maria Bonita, Bugrinha e Fruta do Mato. Li-os. Minha Terra e Minha Gente quase que o reli. Vários trechos desse livro precioso e o final da Esfinge hei-de fazer, quando estiver na minha mão, que entrem nas antologias portuguesas – de Portugal.

De Vossa Excelência
Admirador e menor criado
[Serafim Leite]

A sócio-histórica da carta de Serafim Leite

A carta em análise destaca a atuação de Serafim Leite e Afrânio Peixoto como estudiosos destacados das temáticas relacionadas à história e às atividades dos jesuítas. A missiva foi escrita por Serafim Leite com o objetivo de emitir seu parecer sobre a autenticidade de uma carta datada de 1º de janeiro, atribuída a José de Anchieta (F1; L 25-26). O documento em questão trata-se de uma Carta Ânua, um tipo específico de correspondência enviada regularmente pelo provincial ao geral da Companhia de Jesus.

As Cartas Ânuas desempenhavam um papel central na comunicação interna da ordem jesuíta. Elas eram enviadas anualmente pelos provinciais – superiores regionais que coordenavam as atividades da Companhia em territórios específicos – ao geral da ordem, a autoridade máxima da Companhia de Jesus, residente em Roma. Esses relatórios tinham como objetivo informar o geral sobre os principais acontecimentos, avanços e desafios enfrentados nas missões jesuítas em diferentes partes do mundo.

No caso das missões na América, as Cartas Ânuas relatavam a situação das aldeias indígenas, o progresso na conversão religiosa, a fundação de colégios e outras obras jesuítas, bem como as dificuldades enfrentadas, como conflitos com colonizadores, resistência indígena e problemas com a administração colonial. Esses documentos também incluíam pedidos de reforço, como o envio de mais missionários, recursos materiais ou livros. Assim, as cartas funcionavam como uma ferramenta de articulação global da ordem, garantindo que o geral pudesse acompanhar e orientar as ações em diferentes províncias, mesmo a milhares de quilômetros de distância.

Especificamente sobre José de Anchieta, sua atuação como missionário, professor e líder na Companhia de Jesus o colocou como autor ou destinatário de diversas cartas e relatórios. A análise da autenticidade de uma Carta Ânua atribuída a ele, como realizada por Serafim Leite, exige conhecimento detalhado da linguagem, do estilo e do contexto histórico, elementos que ele utilizou para fundamentar seu parecer.

Essa troca epistolar entre Serafim Leite e Afrânio Peixoto não apenas reforça o interesse compartilhado pelo legado dos jesuítas no Brasil, mas também evidencia o valor das Cartas Ânuas como fontes históricas. Esses documentos oferecem uma janela privilegiada para compreender a dinâmica interna da Companhia de Jesus, bem como o impacto de suas atividades missionárias, educativas e culturais nos territórios onde atuaram.

A Ordem mencionada na missiva refere-se à Companhia de Jesus, nome oficial da congregação religiosa da Igreja Católica, cujos membros são conhecidos como jesuítas. Fundada por Inácio de Loyola no século XVI, a Companhia desempenhou um papel crucial na expansão do catolicismo em várias partes do mundo. No Brasil, os jesuítas chegaram em 1549, liderados pelos padres Manoel da Nóbrega e José de Anchieta (Hernandes, 2012).

A missão principal da Companhia de Jesus no território brasileiro era a conversão dos povos indígenas ao cristianismo, tarefa realizada sobretudo por meio da catequese. Para isso, os jesuítas utilizaram estratégias pedagógicas inovadoras, como o uso de peças teatrais escritas por Anchieta na língua tupi, idioma predominante entre os povos nativos da época (Castello, 1999). Essas peças não apenas ensinavam os princípios da fé católica, mas também facilitavam

tavam a comunicação cultural entre missionários e indígenas, ao se valerem de elementos simbólicos e linguísticos locais.

Além da catequese, os jesuítas também contribuíram significativamente para a educação e a formação intelectual no Brasil colonial, fundando colégios e promovendo o ensino das artes e das ciências. A atuação da Companhia de Jesus no Brasil, com seu impacto cultural, religioso e educativo, marcou profundamente a história do país e o relacionamento entre colonizadores e povos indígenas.

José de Anchieta, um dos maiores ícones da Companhia de Jesus, nasceu em 1534, nas Ilhas Canárias, Espanha. Desde cedo, demonstrou inclinação para os estudos, aprendendo as primeiras letras e ingressando em um colégio dominicano, onde estudou gramática latina. Mais tarde, transferiu-se para Coimbra, onde cursou Filosofia. Aos 16 anos, entrou no Colégio dos Jesuítas e, logo em seguida, tornou-se noviço da Companhia de Jesus. Em 1553, já como padre jesuíta, partiu para o Brasil-colônia com a missão de contribuir para a catequese dos povos indígenas. Anchieta desempenhou um papel crucial na história cultural e religiosa do Brasil, sendo pioneiro na introdução da poesia e do teatro no país, muitas vezes compondo textos em tupi, a língua dos nativos. Sua dedicação ao trabalho missionário e sua identificação com os indígenas lhe valeram o título de “Apóstolo do Brasil”. Em reconhecimento à sua importância histórica e espiritual, foi beatificado em 1980 pelo Papa João Paulo II e canonizado em 2014 pelo Papa Francisco.

A carta enviada por Serafim Leite a Afrânio Peixoto levanta uma discussão significativa sobre a autenticidade de um documento atribuído a José de Anchieta. Serafim Leite rejeita a ideia de que o autógrafo seja de fato do jesuíta, fundamentando sua posição em argumentos robustos. Primeiramente, ele destaca que “o provincial é o próprio Anchieta. Ele não iria escrever semelhante elogio de si mesmo”. Além disso, Leite argumenta que as cartas anuais em latim eram geralmente redigidas pelo professor de latim ou pelo secretário da Ordem, e não pelo próprio provincial. Por fim, ele observa que nenhum biógrafo de Anchieta, como P. Frota Gentil, em 1933, menciona tal documento, o que reforça sua desconfiança sobre sua autenticidade.

Com base nesses pontos, Serafim Leite conclui que a carta não pode ser atribuída a José de Anchieta e informa Afrânio Peixoto que, por essa razão, o documento perde relevância para as comemorações do IV Centenário de Anchieta, realizadas no Rio de Janeiro em 1934, mesmo ano em que a missiva foi escrita. Nesse contexto, Leite menciona que buscará outras cartas de Manoel da Nóbrega, jesuíta que, ao lado de Anchieta, liderou a chegada da Companhia de Jesus ao Brasil em 1549.

No início da carta, Serafim Leite menciona o título *Obras de José de Anchieta*, mas, no mesmo ano, publicou *A Vida do Pe. Anchieta*, alterando, portanto, o título anteriormente informado. Esse livro foi uma das principais biografias sobre o jesuíta, reunindo informações históricas e religiosas

sobre sua vida e atuação no Brasil. Além disso, Leite anuncia a publicação de *Cartas Jesuíticas*, título citado em várias correspondências enviadas a Afrânio Peixoto. Sua bibliografia inclui obras fundamentais que abordam as correspondências e atividades dos jesuítas, especialmente José de Anchieta.

Entre os títulos mais relevantes de Serafim Leite estão: *Cartas Avulsas (1550-1568)*, que reúne cartas escritas por diversos membros da Companhia de Jesus no Brasil durante os primeiros anos da colonização, constituindo uma importante fonte histórica sobre a relação dos jesuítas com os povos indígenas, as dificuldades enfrentadas nas missões e as estratégias de catequização. *Cartas Informações, Fragmentos Inéditos e Sermões do Padre José de Anchieta (1554-1594)* oferece uma visão abrangente da produção literária e epistolar de Anchieta, incluindo sermões e relatos inéditos que refletem seu papel como missionário e educador. *Novas Cartas Jesuíticas: de Nóbrega a Vieira (1940)* amplia o escopo das cartas já publicadas, apresentando documentos que ilustram as atividades dos jesuítas desde os primeiros anos até a atuação de figuras como Antônio Vieira. *Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil (1954)* é uma coletânea que abrange correspondências de diversos jesuítas pioneiros, permitindo um panorama sobre a consolidação da Companhia de Jesus no Brasil. *Cartas do Brasil e Mais Escritos (1955)* reúne não apenas cartas, mas também outros textos que evidenciam a atuação dos jesuítas no contexto colonial brasileiro.

Essas publicações reforçam a relevância de Serafim Leite como historiador da Companhia de Jesus e como uma das principais figuras responsáveis por sistematizar e divulgar as fontes históricas relacionadas à atuação dos jesuítas no Brasil. A carta que enviou a Afrânio Peixoto, ao mesmo tempo em que evidencia sua erudição e método crítico, também reflete sua atenção às comemorações históricas e à necessidade de se basear em fontes confiáveis para os estudos sobre figuras emblemáticas como José de Anchieta. A relação de respeito e colaboração entre Serafim Leite e Afrânio Peixoto, expressa em passagens como a homenagem proposta aos “eminentes jesuitólogos brasileiros”, que incluem Rodolfo Garcia e Alcântara Machado, reafirma o protagonismo de ambos nos estudos jesuíticos de sua época.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que o acervo epistolar de Afrânio Peixoto configura-se como um valioso material de pesquisa, que possibilita abordagens interdisciplinares em diversas áreas das humanidades, como linguística, literatura, história e sociologia. A vasta quantidade de cartas (ativas e passivas) nele reunida permite a exploração de temas variados, como educação, cultura, saúde, política, e religião, entre outros, ampliando o alcance e a relevância de estudos voltados à compreensão da sociedade brasileira.

Neste artigo, optamos por analisar uma carta passiva enviada a Afrânio Peixoto por Serafim Leite, destacando

sua relevância no campo dos estudos jesuíticos. A correspondência, além de refutar a autenticidade de um autógrafo atribuído a José de Anchieta, contextualiza as comemorações do IV Centenário do jesuíta, evidenciando a importância histórica e cultural da Companhia de Jesus para o Brasil. Tal análise revelou a complexidade do diálogo intelectual entre Afrânio Peixoto e Serafim Leite, bem como a amplitude das temáticas abordadas nas cartas que integram o acervo.

A carta estudada também reafirma o papel de Afrânio Peixoto como “jesuitólogo”, destacando sua relevância enquanto pesquisador de temas ligados à Companhia de Jesus, além de suas múltiplas contribuições em outras áreas do saber. Essa faceta de sua atuação, embora pouco divulgada, merece maior atenção dos estudos contemporâneos, sobretudo por evidenciar o caráter multifacetado de sua produção intelectual.

Por fim, reiteramos a importância de se explorar acervos epistolares sob uma perspectiva interdisciplinar, pois esses documentos não apenas enriquecem o universo acadêmico, mas também oferecem subsídios para uma compreensão mais profunda da formação cultural e histórica do Brasil. Propomos, ainda, que o potencial desse material seja integrado à Educação Básica, especialmente em atividades interdisciplinares nas áreas de linguagens e ciências humanas, como forma de aproximar os estudantes de fontes primárias, incentivando o diálogo crítico e reflexivo com o passado. Dessa forma, espera-se que a análise de correspondências históricas, como as de Afrânio Peixoto, continue a contribuir para o avanço das pesquisas acadêmicas e para o fortalecimento do ensino de história e literatura no Brasil.

REFERÊNCIAS

Azevedo, Sílvia Maria (Org.). **Acervos de intelectuais: desafios e perspectivas**. Assis: UNESP, 2018.

BEZERRA, Carlos Eduardo; SILVA, Telma Maciel da. A correspondência de escritores brasileiros como fonte de pesquisa para os estudos literários e históricos. **Revista Historiae**, Rio Grande, 1 (1): 61-74, p. 61-74, 2010.

BARREIROS, Patrício Nunes; OLIVEIRA, Jean Márcio de. Primeiras incursões na correspondência passiva de Júlio Afrânio Peixoto: edição de uma carta de Rodolfo Garcia. IN: **Arquivos em perspectiva**. MOTTA, Mabel M; SOUZA, Arivaldo Sacramento de; BARREIROS, Patrício Nunes. 1ª ed. Campinas-SP: Pontes Editores, 2023.

BARREIROS, Patrício Nunes. Por uma abordagem da história cultural das práticas de escrita na edição de textos. **ALEA**, Rio de Janeiro, vol. 19/2, p. 389-414, mai-ago, 2017.

TELLES, Célia M; BORGES, Rosa. **Filologia crítica e processo de criação**. Curitiba: Appris, 2012.

LANDI, Thiago. Literatura e edição à luz da sociologia dos textos, de D. F. McKenzie. **Manuscrita: Revista de Crítica Genética**, São Paulo, Brasil, n. 43, p. 44-53, 2021. DOI: 10.11606/issn.2596-2477.i43p44-53. Disponível em: <https://revistas.usp.br/manuscrita/article/view/184040>. Acesso em: 21 maio. 2024.

MCKENZIE, Donald F. **Bibliografía y sociología de los textos**. Tradução de Fernando Bouza. Madrid: Akal, 2005 (1986).

LIMA, Elda Cassia de. **A Correspondência Jesuítica na construção de um novo mundo: evangelizar, classificar, informar (1553-1596)** [manuscrito]/Elda Cassia de Lima. – 2010. 116 f.

HERNANDES, Paulo Romualdo. **A Companhia de Jesus no século XVI e o Brasil**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v. 10, n. 40, p. 222–244, 2012. DOI: 10.20396/rho.v10i40.8639816.

CASTELLO, José Aderaldo. **A literatura brasileira: origens e unidade (1500- 1600)**. Vol. 1. São Paulo: USP, 1999.

PEDRO, Livia. **História da Companhia de Jesus no Brasil: biografia de uma obra**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2008, p. 117.